VILLA RICA DEL ESPIRITU SANTU E A CIDADE DE FÊNIX (PR): HISTÓRIA QUE RESSURGE EM MEIO ÀS CINZAS

VILLA RICA DEL ESPIRITU SANTU AND FÊNIX CITY (PR): A HISTORY RESURGENT BY ASH

Luana Caroline Künast Polon[1]

"Vila Rica do Espírito Santo
Testemunha os autores da história
Esta plaga que eu amo tanto
E hei de ver eternamente em tom de glória"
(Trecho do Hino de Fênix).

RESUMO: Por meio dos resquícios materializados ao longo do tempo no espaço torna-se possível conhecer a história de uma região, bem como de um povo. O município de Fênix, no Paraná, guarda memórias de histórias que envolvem o contato entre os Padres Jesuítas, designados a partir da Companhia de Jesus, e os indígenas que habitavam as terras do que se convencionou chamar de Província do Guairá. As memórias estão presentes nos artefatos materiais que derivam daquele contexto, boa parte dos quais guardados no pequeno museu do município de Fênix, e outros tantos ainda desconhecidos sob o solo da região, mas também se manifestam a partir da fé católica, a qual permanece viva no cotidiano da população. Assim como a ave Fênix ressurge a partir das cinzas, a cidade de Fênix surge dos escombros daquilo que restou da antiga cidade espanhola de Villa Rica del Espiritu Santu.

Palavras-chave: Indígenas; Missões Jesuíticas; Província do Guairá.

ABSTRACT: Through the remnants materialized over in time and space it becomes possible to know the history of a region and a people. The Fênix city, in Paraná State, keeps memories of stories involving contact between the Jesuit priests, designated from the Company of Jesus, and the indigenous who inhabited the lands of the so-called Guairá Province. The memories are present in the material artifacts, which derive that context, much of it stored in the small museum of the Fênix city, and many others underground of the region still unknown, but also manifest from the Catholic faith, which remains alive of the population quotidian. As well as the Phoenix Bird rises again from the ashes, Fênix city emerges from the rubble of what is left of the ancient Spanish city of Villa Rica del Espiritu Santu.

Keywords: Indigenous; Jesuit Missions; Guairá Province.

[1] Docente da UNIOESTE/Marechal Cândido Rondon. Mestra em Geografia (UNIOESTE/M.C.R.). Integrante do Grupo de pesquisa "ENGEO – Ensino e práticas de Geografia" e do Grupo de pesquisa "Cultura, Fronteira e Desenvolvimento Regional".

INTRODUÇÃO

A temática abordada por meio deste artigo visa analisar aspectos relevantes da presença Jesuítica no atual Estado do Paraná, especialmente quanto ao local onde hoje está localizado o município de Fênix, o qual faz parte da Microrregião de Campo Mourão, na Mesorregião do Centro Ocidental Paranaense.

A escolha pelo município de Fênix, e mais especificamente por Villa Rica del Espiritu Santu se deve ao fato do pouco conhecimento sobre a região e os acontecimentos do passado, os quais envolveram múltiplos atores (Índios, Padres Jesuítas, Bandeirantes, etc.) em um cenário de conflitos com base no poder, muitas vezes conquistado por meio das violências.

As histórias que permeiam Villa Rica del Espiritu Santu são interessantes, muito embora relatadas de forma escassa nos trabalhos científicos. Assim, o conhecimento de mais informações sobre esse espaço de expressão história tão importante se faz relevante, uma vez que, em muitos momentos a história fica retida ao domínio de poucos pesquisadores, não sendo divulgada e se tornando inacessível à população, que em muitos casos, desconhece aspectos relativos à sua cultura e a identidade do lugar onde mora, por desconhecer a história.

Para realização deste artigo foram selecionados alguns livros que de forma direta ou indireta fazem referência à Villa Rica, sendo que as menções diretas são encontradas em maior expressividade em artigos disponíveis na internet. Diante da carência de material específico, principalmente sobre o município de Fênix e o Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, considerou-se necessário um trabalho de campo, com a finalidade de conhecer e registrar alguns aspectos relevantes. Assim, foi realizada uma visita à cidade de Fênix, bem como ao Parque, no qual existe um pequeno museu. Portanto, a presente reflexão constitui-se de referências à trabalhos já publicados, mas faz uso também das percepções e informações colhidas em trabalho de campo.

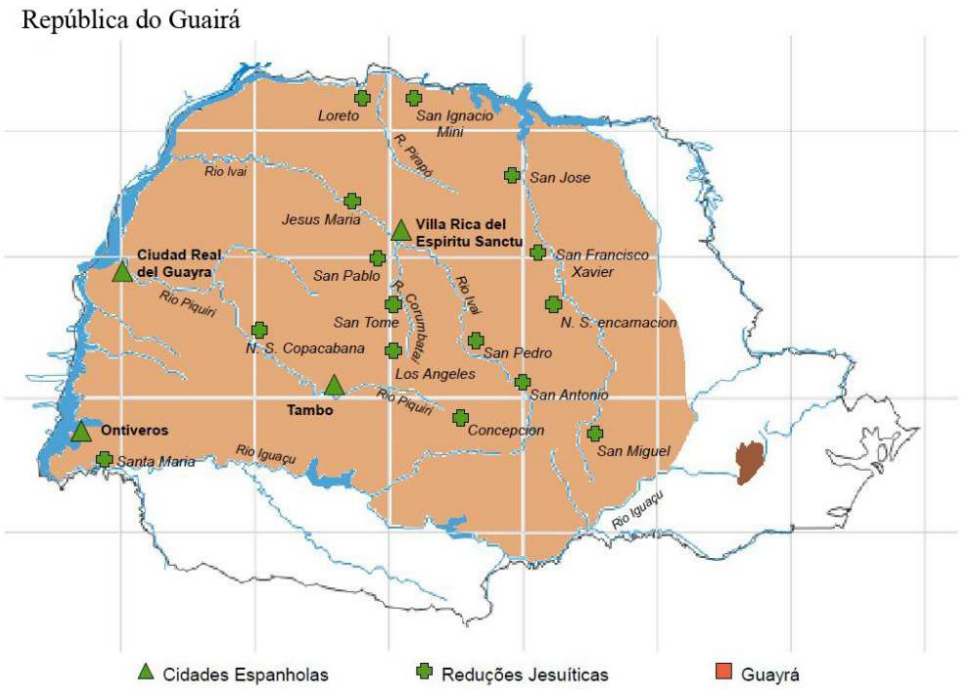
AS MISSÕES NO GUAIRÁ E A CONSTITUIÇÃO DE VILLA RICA DEL ESPIRITU SANTU

Com o Tratado de Tordesilhas, as terras descobertas a partir daquele momento e que estivessem a Oeste da linha imaginária pertenceriam à Espanha, e aquelas localizadas a Leste pertenceriam à Portugal. No território o qual atualmente se configura o Estado do Paraná, a ocupação europeia se estabeleceu pelas duas vias: tanto espanhola, quanto portuguesa. Na segunda metade do século XVI, o território que compreendia os rios Paraná, Paranapanema, Tibagi e Iguaçu foi incorporado ao domínio da coroa espanhola. Apesar dos discursos que retratam a região apenas após a chegada dos "homens brancos", o ambiente em questão não pode ser considerado como uma área de vazio demográfico, pois já era habitado por indígenas do tronco linguístico Tupi – Guaranis e Gê, que já constituíam ali sua própria organização social.

Com o intuito da organização da ocupação do espaço colonial espanhol, a coroa instituiu um sistema chamado de *encomiendas*, o qual "representou um primeiro ensaio de instituição do domínio da terra para o exercício do império sobre os nativos" (SCHALLENBERGER, 2006, p. 38), com base na ampla "oferta" de força de trabalho. Além do trabalho indígena nas terras, o colono utilizava da força dos índios para o transporte de mercadorias, como a erva-mate no caso de Villa Rica del Espiritu Santu. Além das *encomiendas*, havia também um sistema de trabalho que ficou conhecido como *mita,* no qual os índios eram obrigados a exercer trabalhos árduos, em precárias condições. Um exemplo era o trabalho forçado nas minas, o qual nem sempre possibilitava que o índio sobrevivesse o período de trabalho, para retornar para sua tribo de origem, muitos morreram devido às péssimas condições e os problemas de saúde oriundos da condição degradante de trabalho.

Por meio da presença Jesuítica, com base nas ações da Companhia de Jesus e na legislação espanhola, são realizadas intervenções junto aos indígenas. Em 1553 é constituída a cidade de Ontiveros (é preciso destacar que existem algumas discrepâncias em relação a localização exata da antiga cidade), localizada na foz dos rios São Francisco e Paraná, sendo que em 1557 é transferida para foz do Rio Piquiri, sendo nomeada de Ciudad Real del Guayrá. Em 1570 é fundada a cidade de Villa Rica del Espiritu Santu, localizada nas proximidades do Rio Tibagi. Villa Rica é posteriormente transferida para as margens a Oeste do Rio Paraná, mais especificamente em 1576. A imagem abaixo faz referência às três cidades espanholas fundadas no Guairá, além de especificar as quinze Missões existentes neste território.

Imagem 1 – território da República do Guairá



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Republica_del_Guayra.jpg

Diante da exploração demasiada dos índios e os conflitos que se estabeleciam entre colonos e indígenas, as missões foram alternativas para possibilitar a organização e a preparação dos índios ao convívio com o colonizador. Deste modo, os colonos poderiam contratar a mão-de-obra indígena através da intermediação dos Padres. Assim, as missões tiveram como função primordial a redução dos conflitos entre colonos e índios, criando condições de proteção aos índios contra os bandeirantes e encomendeiros. Preservando traços de sua cultura original e catequizando os indígenas, os Padres Jesuítas conseguiram a confiança daqueles. "Os Jesuítas [...] defendiam seus fiéis, antes de mais nada contra os escravistas, e os *bandeirantes* brasileiros. [...] Os índios constatam que os missionários eram seus mais enérgicos defensores" (HAUBERT, 1990, p. 16).

A proteção que os Jesuítas representavam aos indígenas era pautada na influência que a Companhia de Jesus tinha junto à Europa, que lhe dava autonomia da proteção dos índios contra os espanhóis. Em compensação, nas reduções os índios passavam por um intenso processo de incorporação de traços culturais desconhecidos até aquele momento, como a aprendizagem de uma religião, no caso, a Católica. Além disso, a organização do trabalho estabelecida nas reduções era inabitual aos índios, mas tida como sinônimo de civilização pelos Padres. "Os guaranis não eram obrigados a aceitar a vida em redução, ficando sua adesão por conta de sua livre eleição" (NEUMANN, 1996, p. 51). Mas, aqueles que não optassem pelas reduções, corriam maiores perigos frente aos escravagistas. Além disso, os Jesuítas utilizaram-se da estratégia de trabalhar em conjunto com os caciques, que não perdiam sua posição de autoridade, recebendo, inclusive, o título de "Don" (NEUMANN, 1996). Assim, os demais índios sentiam-se amparados.

Os Jesuítas tinham poder sobre os indígenas, justamente por representarem uma segurança à estes. "A autoridade dos padres provinha, evidentemente, da confiança e do prestígio religioso que os cercava" (NEUMANN, 1996, p. 17). As sujeições aconteciam, portanto, pela consequência negativa da ausência dos Padres Jesuítas junto aos indígenas, os quais estariam mais vulneráveis aos ataques dos escravagistas. Foucault (2008, p. 25) em uma análise de contexto diversa desta aqui apresentada propõe que "a disciplina trabalha num espaço vazio, artificial, que vai ser inteiramente construído. Já a segurança vai se apoiar em certo número de dados materiais". Fazendo uma analogia com as relações estabelecidas entre os Padres Jesuítas e os índios nas reduções, é possível pensar que neste caso a disciplina seria conquistada por meio da Religião Católica, a qual não era conhecida aos índios, seria, portanto, construída nas mentes e nas vidas dos indígenas, criando parâmetros de comportamento. Já, quanto à segurança, esta se apoiava no fato da violência cometida contra os índios por meio do trabalho escravo, e as consequências negativas que deste brotavam. Assim, nas reduções, se permitiu uma relação em que segurança e disciplina estivessem intercaladas.

Com base na teoria de que o território só o é assim caracterizado quando usado, ou seja, quando há uma ação social estabelecida neste, é possível pensar nos processos de desterritorialização e reterritorialização pelos quais passaram os indígenas nas reduções, uma vez que tiveram que abandonar hábitos próprios dos povos nômades, com

base no trabalho para subsistência, passando para a condição de mão-de-obra, tendo de aprender regras e padrões que por ora não eram seus, incorporando valores estrangeiros, delimitando limites que antes desconhecidos e desnecessários. A territorialidade, naquele contexto representada pelas reduções, caracterizava-se pela ambiguidade da segurança – contra os encomendeiros, bem como do limite, que regra a liberdade que se possuía anteriormente.

É relevante destacar que "Redução" não se trata de reduzir os índios em quantidade, ou ainda aprisioná-los, mas sim conduzi-los ao Cristianismo aliado a uma vida mais regrada em alguns aspectos (SOUSTELLE *apud* HAUBERT, 1990). A escolha dos espaços que seriam transformados em reduções era feita de modo a contemplar alguns aspectos relevantes, como boas condições de clima bem como de relevo, o solo deveria ser apropriado, assim também a hidrografia. Estes elementos eram levados em consideração para a atividade agropastoril. Considerados nestas escolhas eram também os aspectos culturais dos índios guaranis, que prezavam pela proximidade com as águas, devido à necessidade de realizar seus hábitos de higiene (SCHALLENBERGER, 1998).

Soustelle *apud* Haubert (1990, p. 17) descreve alguns aspectos acerca da vida nas Reduções:

> Cada redução administrava-se a si mesma com seu *cabildo* indígena e sua economia dirigida, chamada "coisa de Deus" (Tupambaé), da qual tudo dependia, da agricultura à roupa e à comida. O mate, "erva do Paraguai", o milho e a mandioca, o algodão, o gado estavam integrados numa economia sem moeda, rudimentar, mas eficaz, restrita aos limites acanhados das missões. [...] A vida cotidiana das reduções era austera; essa austeridade era quebrada pelos ofícios religiosos e as festas cristãs.

Ainda, conforme o mesmo autor, alguns aspectos da cultura indígena desapareceram, como o caso da antropofagia (alimentação com carne humana), mas alguns outros persistiram, como as festas de bebida, onde os índios se embriagavam, assim como outros costumes mais difíceis de mudar. Para além das pequenas "benevolências" aos índios, cultivando alguns elementos de suas culturas, as Missões eram permeadas pelo poder. As relações entre os índios, os missionários, encomendeiros e a própria coroa, viviam em conflito. A intenção inicial dos Jesuítas era ensinar aos índios sobre a existência de Deus, já que os Padres acreditavam que "os índios eram uma humanidade viável para Deus, porque podiam ser considerados uma página de papel em branco na qual se poderia escrever qualquer coisa que se quisesse" (SCHMIDT, 1996, p. 13).

Inicialmente, os índios apresentaram resistência à ação dos Padres, pois acreditavam ser uma estratégia de dominação para o trabalho escravo, ao qual eram expostos por meio das capturas pelos bandeirantes. Além disso, o fato de ter que acreditar na existência de Deus, era algo que não foi bem aceito pelos indígenas no princípio, uma vez que eles próprios tinham suas crenças, por meio de seus líderes messiânicos. "Estabeleceu-se, assim, um conflito entre magia indígena e a

apologética jesuítica" (SCHALLENBERGER, 2006, p. 65). Mas que, conforme o passar do tempo, os guaranis passaram a ver "elementos de sua cultura mesclarem-se com os da sociedade hispano-colonial, sob a forma de uma transculturação progressiva" (NEUMANN, 1996, p. 51).

Alguns aspectos da cultura indígena foram preservados, com a finalidade de conquistar a confiança dos índios, um exemplo disso é a preservação do papel político dos caciques, assim, respeitando a posição do cacique e conquistando sua confiança, tornava-se mais eficaz o contato com os índios. Na tentativa de catequizar os índios, os Jesuítas buscaram aplicar a doutrina cristã na cultura indígena. Os Jesuítas introduziram, por meio da coerção religiosa, os conceitos do bem e do mal, além de novas práticas sociais. A imagem do diabo foi construída no imaginário indígena como artimanha "necessária" à repreensão dos índios, bem como a noção de pecado. Já, de acordo com Sterling (2006, p. 180),

> As reduções seriam clarões, espaços urbanizados e encapsulados no meio das matas, e cuja dialética espacial definia ou delimitava claramente os espaços do bem e do mal. A selva que não era nem má nem boa passou a ser negativa, perigosa, traiçoeira cheia de monstros reais, os bandeirantes e os encomendeiros. A redução passa a ser o espaço protegido por deus, isto é, um espaço bom, a princípio, por ser seguro.

As limitações ao trabalho dos Jesuítas eram inúmeras, causadas pela intervenção dos colonos portugueses. A intenção de amenizar os conflitos entre os índios e os bandeirantes, agora se transfigurava nas contradições entre a ação Jesuíta e a contraposição dos encomendeiros. Deste modo, é possível perceber a complexidade das histórias transcorridas no território do Guairá, quando a ação inicial dos missionários se torna enfraquecida diante da busca por força de trabalho escravo por parte dos encomendeiros e bandeirantes. Os Jesuítas viveram uma grande crise, quando "procuravam [...] manter-se fieis ao rei e às orientações de Roma, muito embora isto lhes custasse por vezes, grandes renúncias em função das adversidades que encontravam no campo missional" (SCHALLENBERGER, 2006, p. 82).

Especificamente, Villa Rica del Espiritu Santu, foi a terceira das cidades espanholas fundadas na Província del Guairá. A principal atividade nesta área era a extração da erva-mate, realizada por meio da força de trabalho indígena, com base no sistema de *encomiendas*. Segundo Parellada (1998), mesmo antes da constituição das reduções, Padres Jesuítas já percorriam a região do Guairá, pois haviam já estabelecido uma igreja, além de possuírem casas e terrenos na área urbana da segunda fundação de Villa Rica. As informações acerca de Villa Rica são escassas, embora estejam sendo realizados estudos desde 1954 na área onde as ruínas estão localizadas. Pesquisas têm sido desenvolvidas com o intuito de recriar a configuração espacial de Villa Rica del Espiritu Santu, mostrando como a cidade era organizada, revelando aspectos relevantes sobre a vivência dos indígenas e missionários neste território.

Parellada analisa que

> As ruínas da segunda fundação de Villa Rica são, dentre os sítios arqueológicos relativos à ocupação espanhola na Província do Guairá no século XVI, as que se encontram em melhor estado de preservação, e portanto as que têm as maiores condições de fornecerem subsídios para a compreensão do desenho urbano e da disposição espacial dos vestígios arqueológicos (1998, p. 177).

Assim, por meio dos estudos desenvolvidos, criam-se condições de visualização das relações que se estabeleciam neste ambiente. Conforme os estudos da autora, as construções de Villa Rica eram baseadas no modelo da Lei de 1573, instituída por Filipe II, considerada a Primeira Lei Urbanística da Idade Moderna, a qual instituía que as quadras deveriam ser iguais, sendo que no centro da cidade ficaria disposta a praça. Das cidades do Guairá, Villa Rica foi a única que seguiu este projeto de planejamento urbano desde o princípio, sendo que, com a recuperação das informações sobre a disposição espacial das construções é possível pensar no cotidiano dos habitantes da cidade espanhola.

Com a União Ibérica, formada em 1580, a partir da anexação de Portugal à Espanha, todas as colônias portuguesas passam a ser de posse da Espanha. Embora houvesse conflitos entre Portugal e Espanha, para ambas os indígenas eram considerados como força de trabalho a ser explorada e, portanto, qualquer empecilho deveria ser eliminado.

A partir do ano de 1619, os bandeirantes começaram a intensificar as investidas contra as Reduções Jesuíticas do Guairá, sendo que em um período de apenas quatro anos, entre os anos de 1629 e 1632, estas foram destruídas. Os Jesuítas sentiram-se encurralados, e não tinham poder para cessar os ataques. "As reduções jesuíticas, sem o apoio dos espanhóis e atacados pelas expedições portuguesas, registraram uma devastação cruel e rápida" (DEITOS, 2007, p. 183).

Em 1632, Villa Rica del Espiritu Santu foi sitiada por três meses, sendo que os moradores que puderam deslocaram-se para a parte Ocidental do Paraná, ou ainda para São Paulo. Devido à tomada de Villa Rica, os habitantes de Ciudad Real também abandonaram a região, que ficou à mercê dos bandeirantes paulistas. Após a destruição causada em Villa Rica pelos bandeirantes liderados por Antônio Raposo Tavares, os índios que sobreviveram foram submetidos ao trabalho escravo, e alguns Jesuítas foram mortos. A região ficou "ociosa" até o Tratado de Madri, o qual instituiu a região ao domínio português.

Os múltiplos contextos históricos definem os conceitos que melhor se adaptam às diversas situações. O conceito de território parece encaixar de modo adequado aos momentos históricos do Guairá, uma vez que foram diversas as territorialidades construídas neste mesmo espaço ao longo dos anos. A história nunca é contada a partir de uma única versão, e assim é com o Guairá, onde por ora os indígenas são considerados

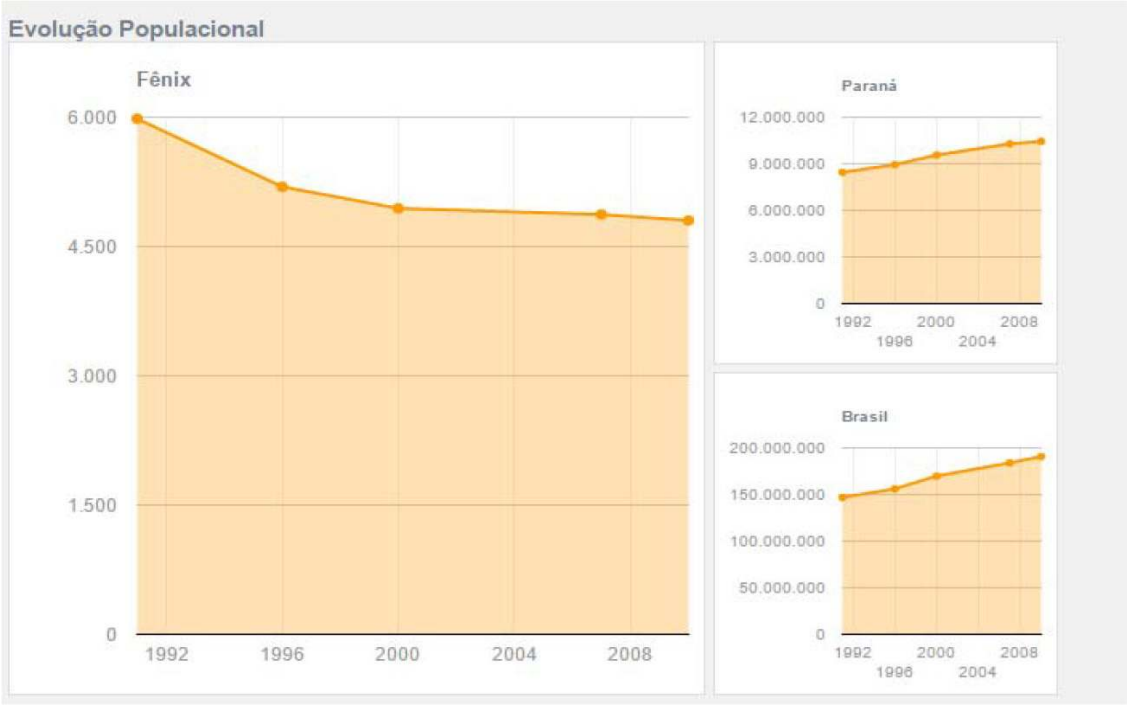
vítimas, enquanto em outras são veneradas as ações bandeirantes. Alguns discursos tratam os Jesuítas como benfeitores, em outros são considerados manipuladores. Pela forma como a história do Guairá foi trabalhada ao longo dos anos, sendo gradualmente transformada pelos discursos em um conto de "heróis e vilões", muitos desconhecem os conflitos que se estabeleceram na região, negligenciando (conscientemente ou por meio de manipulação) a existência indígena antes da chegada dos europeus.

O Guairá representou uma nova fronteira para além da já existente na Península Ibérica, assim as disputas que já se estabeleciam na Europa, agora se desenrolavam nas terras do Guairá. A questão central é a presença de outros agentes influentes neste contexto, que são os índios e os Jesuítas. As disputas territoriais transpassam os conflitos Espanha – Portugal, e criam situações ainda não vivenciadas em similaridade por ambas as nações. Assim, na disputa entre espanhóis e portugueses, desencadeada no Guairá, não somente estes sofreram as consequências da busca pelo poder territorial, mas todos os agentes envolvidos, que neste caso, contava com a presença indígena e jesuítica. "Dentro de uma história que não permite utopias, duas nações históricas acabaram massacrando dois grupos de homens utópicos: Jesuítas e Guaranis" (STERLING, 2006, p. 182).

FÊNIX: HISTÓRIA QUE BROTA DAS CINZAS

Segundo dados do censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município de Fênix possui 4.802 habitantes. Com base nos gráficos apresentados na figura abaixo é possível verificar um decréscimo populacional no município de Fênix ao longo das últimas décadas, contrariando as tendências gerais em nível de Paraná e de Brasil, nos quais é possível averiguar crescimento da população. Apesar disso, estimativas do IBGE mostram que a população de Fênix pode ter aumentado para 4.912 habitantes em 2013.

Imagem 2 – comparativo da evolução populacional de Fênix



Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010. Disponível em: http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=410770&search=parana|fenix|infogr%E1ficos:-evolu%E7%E3o-populacional-e-pir%E2mide-et%E1ria

Os baixos níveis de crescimento populacional, ou ainda o decréscimo da população, fenômenos comuns na maioria dos municípios de pequeno porte, deriva da limitada quantidade de atrativos (empregos, Ensino Superior, turismo, oferta de serviços), o que inibe o acréscimo populacional. Atualmente, o território do município de Fênix possui 234,099 km2.

Fênix pode ser considerada uma cidade que surgiu das cinzas, sobre a qual o próprio nome denota ao passado da região onde o município está localizado atualmente, quando a cidade espanhola de Villa Rica del Espiritu Santu, construída pelos Jesuítas junto aos Guaranis, foi destruída e incendiada por bandeirantes paulistas, sob comando de Antônio Raposo Tavares, no ano de 1632.

A história de Fênix, enquanto povoado, remonta ao final da década de 1940, mais precisamente 1949, quando o Engenheiro Civil, Dr. Joaquim Vicente de Castro, elabora um projeto de colonização para a região, desejoso pela formação de uma cidade. Em 1928, Joaquim firmou um contrato com o Governo Estadual do Paraná, onde atuaria na função de Engenheiro, por meio da construção de diversas estradas, recebendo em 1932, como pagamento, vasta porção de terras, as quais compreendiam as Glebas Corumbataí, Rio Dez, Rio Arurau e Colônias Mourão I e II, além da área onde se encontravam as ruínas de Villa Rica (IAP, 2013, p. 64-65).

A qualidade da terra em Fênix atraiu rapidamente diversas pessoas interessadas no cultivo de café, hortelã e de outros cereais, principais atividades na época, sendo que os imigrantes atuavam tanto nas plantações quanto no comércio. Assim como outros municípios paranaenses, Fênix foi emancipada na data de 25 de julho de 1960.

Em Fênix, a Fé Católica permanece viva nas ações dos moradores deste município, bem como nos arredores. Exemplo disso foi a peregrinação que ficou conhecida como "Rota da Fé". Em 2009, quando da realização da 10ª edição da Rota da Fé, saindo de Campo Mourão e percorrendo caminhos até chegar em Fênix, foi realizado um ato de reinauguração da "Igrejinha da Serra", a qual localiza-se no município de Fênix, e que estava há décadas (50 anos) desativada. Existe um projeto de revitalização da "Igrejinha da Serra", a qual passaria a se chamar "Capela Santo Inácio de Loyola", já que foi construída em homenagem àquele. A primeira construção da igreja remonta ao século XVII. Na crença de que haviam sido enterrados tesouros dos Jesuítas no altar da capela, este foi todo destruído pelas pessoas que se dedicaram a encontrar esses "tesouros escondidos". Embora não haja provas de riquezas encontradas na região da antiga cidade de Villa Rica, por anos as pessoas acreditaram que encontrariam um tesouro da época, e escavaram diversos lugares da região.

A peregrinação saindo de Campo Mourão, passando por Quinta do Sol até chegar em Fênix, percorreu as beiras dos caminhos do Peabiru (não há uma exatidão sobre sua localização, uma vez que era um caminho muito rudimentar, mas estima-se que tenha sido nesta região), aberto pelos índios em meio as matas para possibilitar a comunicação entre os indígenas sul-americanos.

Santo Inácio de Loyola, homenageado com a capela, foi um dos fundadores da Companhia de Jesus, a qual enviou Padres Jesuítas para diversos lugares do mundo, incluindo estes que vivenciaram as histórias no Guairá. A Fé Católica existente na região pode ser considerada reflexo das histórias vivenciadas ali, quando da presença dos Padres Jesuítas que lutaram em favor da catequização indígena. A igreja principal da cidade de Fênix tem como nome "Paróquia Divino Espírito Santo", o qual se remete ao nome da antiga cidade espanhola existente naquela região, Villa Rica del Espiritu Santu.

A Igrejinha da Serra pode ser avistada ao lado direito na Rodovia PR 549, no sentido Quinta do Sol até Fênix. No alto de um morro, ela se destaca, mas de longe já é possível perceber que ela está sendo alterada, parecendo estar em processo de reforma.

Imagem 3 – capela Santo Inácio de Loyola (Igrejinha da Serra)



Fonte: Acervo próprio (31 Out. 2013)

Na Igrejinha há uma mistura de antigo com novo, já que existem os tijolos da primeira construção junto com aqueles que foram colocados recentemente na reforma. A cruz ao lado da Igrejinha também foi substituída, e não há qualquer escrita no memorial ao lado da cruz. O acesso à Igrejinha não conta com nenhuma placa indicativa, e possivelmente muitas pessoas que passam por ali nem sequer conhecem a história que permeia a pequena Igrejinha, a qual tem sua construção no século XVII, dedicada à Inácio de Loyola. A existência dessa Igrejinha e o nome atribuído à ela mostram que a história vivida naquela região não está "apagada", mas é revivida constantemente por meio dos símbolos.

Em Fênix há uma Igreja Católica construída em uma das partes mais altas da cidade, a qual traz algumas imagens interessantes, conforme demonstrado abaixo:

Imagem 4 – paróquia Divino Espírito Santo, de Fênix



Fonte: Acervo Próprio (31 Out. 2013).

A imagem acima demonstra a intervenção dos Padres Jesuítas junto aos índios, inclusive os batizando. Na imagem abaixo da Igreja, formando a cruz, há uma combinação de letras que formam o nome de Jesus Cristo (em grego), além da escrita "Santas Missões" nas laterais da cruz, se remetendo às Missões Jesuíticas naquela região. Portanto, mais um aspecto presente na cidade que revive a história local. Embora, infelizmente, muito pouco possa ser visto sobre o que restou da cidade espanhola de Villa Rica del Espiritu Santu, no Parque Estadual.

PARQUE ESTADUAL DE VILA RICA DO ESPÍRITO SANTO (PEVR) E AS RUÍNAS JESUÍTICAS – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O referido parque está localizado no município de Fênix, utilizando-se do nome em língua portuguesa – Vila Rica do Espírito Santo. O nome em questão foi atribuído à cidade espanhola, pois os espanhóis confundiram os cristais das rochas com pedras preciosas, acreditando existir ali muitos tesouros. A cidade de Villa Rica del Espiritu Santu foi fundada pelos espanhóis com a intenção de evitar que os portugueses avançassem para além do Tratado de Tordesilhas, abrindo rotas para o Oceano Atlântico. Após a destruição da cidade pelos bandeirantes paulistas, foram realizadas novas tentativas de ocupação da área entre os anos de 1768 e 1770, sob o incentivo do Governo

das Capitanias de São Paulo, mas estas não obtiveram êxito, ficando por centenas de anos a área "ociosa" (GRAÇAS, 2013).

No Parque estão localizadas as ruínas da cidade de Villa Rica, "tombadas pelo Patrimônio Histórico em 1948. Em 1965, a área foi transformada em Reserva Florestal e em 1983 alterado por decreto para Parque Estadual. O parque possui uma área de 360 hectares, equivalente a 480 campos de futebol, e se localiza a 2 km de distância da sede do município de Fênix" (GRAÇAS, 2013).

Não há placas que indicam a existência do Parque em Fênix, sendo que, apenas chegando próximo à entrada deste, é que existe uma indicação. O caminho que leva ao Parque é muito bonito, sombreado por grandes árvores floridas que encobrem a estrada. Já na entrada do Parque, aspectos históricos são revividos, quando da presença de uma placa memorial, na qual há uma homenagem à Rubens Augusto de Andrade, que teria lutado por vinte e cinco anos pela defesa do Parque, sendo morto por um "infrator" em 1982, conforme explicitado pela própria placa memorial.

Imagem 5 - entrada do Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo



Fonte: Acervo próprio (31 Out. 2013).

O Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo recebe centenas de visitantes por mês, em especial excursões escolares, pela variedade da fauna e da flora presentes naquele ambiente. Os visitantes têm acesso ao pequeno museu do parque, no qual estão expostas poucas peças. Algumas imagens contam a história das Missões no Guairá,

outras trazem informações sobre as escavações de Villa Rica del Espiritu Santu, e ainda existem objetos indígenas encontrados no parque e nas regiões vizinhas.

Segundo informações dos funcionários do Parque Estadual, as escavações estão paradas faz algum tempo, sendo que estavam sendo desenvolvidas pela Arqueóloga Cláudia Inês Parellada, do Museu Paranaense, de Curitiba. O motivo por estarem parados os trabalhos, conforme dito pelos funcionários do Parque, seria o risco de contaminação ou de proliferação de alguma doença. Sobre as ruínas, pouca coisa pode ser vista, e muito do que já foi escavado, foi novamente encoberto pela mata. A visitação às ruínas está proibida, e o que se alega é o risco de contaminação no local. Para conseguir a visitação, é preciso liberação do Instituto Ambiental do Paraná (IAP) de Curitiba, o que não é um processo fácil. Não há previsão de retomada das atividades de escavação, o que é realmente uma pena, já que, no pouco tempo das escavações foram descobertos muitos objetos que recontam as histórias que se desenrolaram naquele local.

No Parque é possível conhecer a mata, a qual está dividida em Pluvial Tropical, Capoeira Baixa e Capoeira Alta. Além disso, alguns animais são vistos pelas trilhas, como pássaros, macacos e até jacarés. O caminho percorrido possui três quilômetros, passando pelo lago localizado no centro do Parque Estadual. Algumas trilhas estão fechadas com cercas, nas quais está a inscrição da proibição da entrada de visitantes. Assim, não é possível nem saber quais são os caminhos que levam às ruínas, por medida de segurança.

Há ainda uma sala de projeção no Parque, na qual é transmitido um vídeo contanto a história daquele local, bem como, de forma bem simples, falando sobre a cidade espanhola de Villa Rica. O vídeo possui menos de doze minutos, não contando nem mesmo sobre a destruição de Villa Rica. O Parque possui uma estrutura de recebimento de visitantes bastante precária, contando com poucos banheiros, e nenhum local onde comprar lanche ou bebida. Percebe-se que falta incentivo para tornar o Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo em um espaço de turismo, sendo que há também pouca divulgação da existência do parque.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ruínas de Villa Rica del Espiritu Santu, no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, são marcas históricas da construção do que hoje conhecemos como o Estado do Paraná, juntamente com tantos outros elementos que guardam a história dos povos que ali viveram em tempos passados. A história que caracteriza muitos símbolos e costumes que hoje são comuns deriva de elementos do passado, seja ele distante ou recente, e são esses elementos que determinam práticas e concepções.

A história de Villa Rica del Espiritu Santu continua viva em Fênix de diversos modos, mas, em alguns momentos parece que há um conflito entre querer e o não querer lembrar dessa história. Os símbolos mostram a importância da ação jesuítica

junto aos índios, mas pouco se mostra da história conflituosa, baseada em poder, que aconteceu naquele espaço.

Quanto as escavações no Parque, certamente que não se trata de transpor os limites do que é considerado seguro, mas ao se deixar as ruínas da forma como estão, sem buscar desvendá-las, muito se está perdendo da história. É necessário que pesquisadores tenham interesse em conhecer o local onde estão as ruínas e, que se busque investimentos, uma vez que um trabalho como este não custa pouco.

Outros municípios paranaenses guardam em si elementos de retomada da história, como Jesuítas, no Paraná, cujo próprio nome já revela aspectos históricos. Além disso, a maioria das ruas possui nomes de Padres, Santos, etc. A Igreja principal possui uma estátua de Santo Inácio de Loyola, sendo que fica na Avenida "Santo Inácio". Assim também Peabiru possui em uma praça central, em frente à Igreja principal, um monumento com o desenho da rota de Peabiru. E Fênix não poderia ser diferente, uma vez que ali se concentram as ruínas da antiga cidade espanhola de Villa Rica del Espiritu Santu. Assim, a cidade revive a história constantemente por meio dos símbolos que nela estão dispostos, desde o hino municipal, até a Fé Católica, representada por toda cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPIGOTO, José Adilçon. Peabiru: para além do contexto. In: LOPES, Marcos A (Org.). *Espaços da memória*: fronteira. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000. p. 37-55.

DEITOS, Nilceu Jacob. A Igreja Católica no Oeste do Paraná e sua atuação no processo de colonização. In: VANDERLINDE, Tarcísio; GREGORY, Valdir; DEITOS, Nilceu Jacob (Orgs.). *Migrações e a construção do Oeste do Paraná*: século XXI em perspectiva. Cascavel: Coluna do Saber, 2007. p. 183-203.

FÊNIX. IBGE Cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=410770>. Acesso em 08 Set. 2013.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GRAÇAS, Maria das (Org.). Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo - Município de Fênix-Paraná. Disponível em: < http://www.dge.uem.br/gavich/downloads/semana07/ARTIGOS/eixo_4_metodologia_educacao/53.pdf>. Acesso em 23 Set. 2013.

HAUBERT, Maxime. *Índios e Jesuítas no tempo das missões*. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1990.

IAP – INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. Encarte 2: Análise da Região do Parque Estadual Vila Rica do Espírito Santo. Disponível em: <http://www.iap.pr.gov.br/arquivos/File/Plano_de_Manejo/Parque%20Estadual%20Vila%20Rica%20del%20Espirito%20Santo/encarte2_analise_da_regiao.pdf>. Acesso em 08 Set. 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades: Fênix. 2010. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=410770&search=parana|fenix>. Acesso em 22 Ago. 2013.

IPARDS - INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Caderno Estatístico Município de Fênix. Disponível em: < http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=86950&btOk=ok>. Acesso em 08 Set. 2013.

MIKICH, Sandra Bos (Coord.). Revisão do Plano de Manejo do Parque Estadual de Vila Rica, Fênix-PR. Disponível em: <http://www.maternatura.org.br/qfazemos/projetos/proj_pmpevrfenix.htm>. Acesso em 14 Out. 2013.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ. Informações Municipais para Planejamento Institucional. Disponível em: <http://www2.mp.pr.gov.br/cid/fenix.pdf>. Acesso em 08 Set. 2013.

PARELLADA, Claudia Inês. O espaço urbano de Villa Rica del Espiritu Santo (1589-1632) / Província del Guairá. In: *Anais da VI Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas* – As missões Jesuíticas del Guairá. Cascavel: EDUNIOESTE, 1998. p. 173-191.

SCHALLENBERGER, Erneldo. Missões no Guairá: Espaço e Territorialidade nas Missões Jesuíticas do Guairá. In: *Anais da VI Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas* – As missões Jesuíticas del Guairá. Cascavel: EDUNIOESTE, 1998. p. 15-30.

SCHALLENBERGER, Erneldo. *O Guairá e o Espaço Missioneiro:* Índios e Jesuítas no tempo das Missões Rio-Platenses. Cascavel: Coluna do Saber, 2006.

STERLING, German. A dialética dos imaginários no Guairá. In: STERLING, German. *Abordagens Historiográficas na Fronteira*. Foz do Iguaçu: UNIAMÉRICA, 2006. p. 171-183.

Artigo recebido em: 30/11/2013

Artigo aprovado em: 16/12/2013